

Peça em 3 partes

33 2^a

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

DILMAR MESSIAS
e
GUARACY FRAGA

Recriação de Fraga

Personagens:

1. Menino - João
2. Mãe - Dona Marieta
3. Vaca - Valquíria
4. Trapaceiro - Sr. Tramposo
5. Pé-de-Feijão - Seu Feijó
6. Gigante - Alturino
7. Galinha Dourada - Riquinha
8. Harpa - Melodia
9. Galinha Branca - Branquinha
10. Sol



PRIMEIRA PARTE

Abre a cortina e o palco está às escuras. A cena vai se iluminando aos pouquinhos, amanhecendo. Um galo canta na cerca. Por trás da silhueta da casa, surge o Sol, se erguendo devagar. Enquanto o Sol vai clareando todo o cenário, comenta a paisagem que vê: uma casinha e uma vacininha, em ambiente rural.



SOL (se espreguiçando) - Ah, que dia lindo eu vou fazer hoje. Vou dar um banho de luz nessa terrinha bonita, prá todo mundo ficar feliz. (Para a vaca) Bom-dia, Valquíria. Muito leite hoje?

VALQUÍRIA - Bom-dia, Rei Sol. Obrigada pelo calorzinho gostoso. Quer um copo de leite? Sou melhor que a Corlac, sabia?

SOL - Não, Valquíria, tenho que continuar subindo, subindo. O céu todo me espera. Até amanhã, Valquíria.

VALQUÍRIA - Intê, Sol.

(Aparece Dona Marieta)

D. MARIETA - Oh, Valquíria, quanto leite! Voce é maravilhosa! (Senta no banquinho e começa a encher o balde)

VALQUÍRIA - A senhora merece, dona Marieta. Me trata tão bem com seus dedos delicados. É um prazer alimentar voces.

D. MARIETA - Sei, seu queijo, sua manteiga, sua nata e seu iogurte são os mais puros e deliciosos que eu já conheci. Mas tenho uma notícia prá voce.

VALQUÍRIA - Hein? Não vai me dizer que estou produzindo leite parecido com o de saquinho.

D. MARIETA - Nada disso, meu bem. É que tudo piorou prá mim e pro Joãozinho. Este é o último leite que eu vou tirar de voce.



VALQUÍRIA (Surpresa e com medo) - Não, não faça isso. Eu preciso esvaziar meu úbere duas vezes por dia, se não morro!

D. MARIETA - Calma, Valquíria. (Triste) Eu... vou ter que vender voce pra comprar muitas coisas que nos faltam. (Termina de tirar o leite).

VALQUÍRIA - Não acredito! Somos amigas há anos. Não quero ir. Longe de voces serei tratada como um animal.

D. MARIETA - Não posso impedir, Valquíria querida. (Entra na casa).

VALQUÍRIA (quase chorando) - Puxa, então é verdade que quando as coisas ficam ruins a vaca vai pro brejo....

1 - (Canta a canção "Tema de Valquíria").

(Após a canção, a vaca sai resmungando)

VALQUÍRIA - É, só pastando mesmo...

(Cena no interior da casa) (Dona Marieta acorda o filho e vão tomar café)

D. MARIETA - João, João. Acorda, sapeca.

JOÃO (Bocejando prá valer) - Uahhhhhh, já é dia de novo? Sonhei que nem dormi esta noite...

D. MARIETA - Foi sonho mesmo, meu filho. Toma p café que voce tem de ir à cidade. (Mede um pãozinho com régua e corta a fatia).



2

JOÃO - À cidade? Oba! Vamos passear?

D. MARIETA - Não, temos que vender a Valquíria. Voce vai até a...

JOÃO (interrompendo a mãe) - Vender a Valquíria? Mas eu adoro ela!

D. MARIETA - Eu também. Mas este é o último pão que a gente tem. (Se abraçam tristes). Prepare a corda e apanhe a Valquíria. Quanto mais cedo, melhor preço pode conseguir. (Sai da peça).

JOÃO (Pensativo e soltando o pão na mesa) - Perdi o apetite. (Vai prá fora e chama a vaca) Valquíria!

(Aparece a vaca)

JOÃO - Nós ... nós temos que dar um passeio, Valquíria. Até a cidade.

VALQUÍRIA - Eu sei, Joãozinho. Sua mãe me disse. (Ele passa a corda no pescoço dela e saem) (A mãe aparece e fica abanando em silêncio).

(Nova cena: estradinha. Os dois vão conversando).

JOÃO - Nunca vou esquecer você. 4.893 mamadeiras, 3.233 copos de leite, 2.857 xícaras de café com leite, iogurte natural de montão, nata com morango... Me dá água na boca e nos olhos.

VALQUÍRIA - Como voce me escovava bem... Meu pelo jamais será o mesmo. Amizade é isso: cada um dá o que tem



e os dois ficam com mais do que já tinham. Que vontade de cantar! (Suspira)

JOÃO - Eu também tô.

2 - (Canção "Tema de Amigos")

(No final da canção, são interrompidos por um adarilho).

TRAMPOSO - Oh, Oh, quem são? De onde vêm? Prá onde vão? Que fazem?

JOÃO (Temeroso e desconfiado) - Nós ... Eu sou o João. Esta é a Valquíria, minha amiga.

TRAMPOSO - Prazer, Tramposo. Meus títulos: negociante, comerciante, vendedor, comprador (Mostra um cata-tau de documentos). Às suas oorrrendens! Posso ajudá-los? Por isso? Por aquilo? Posso?

JOÃO - Sr. Tramposo, nós vamos prá lá, preciso vender a Valquíria. Minha mãe mandou...

TRAMPOSO - João, voce está com sorte. Minha maior experiência é comprar vacas que as mães mandam os filhos vender na cidade. Quanto quer? Quanto custa? Quanto dá? Quando troca?

VALQUÍRIA - Joãozinho ... Tô com medo ...

JOÃO - Sr. Tramposo, vendo só na cidade, Valquíria tem que ser bem tratada.

TRAMPOSO - Deixa comigo. Vaca eu conheço dos chi



4

fres ao rabo.

VALQUÍRIA - Eu não tenho chifre, ignorante!

TRAMPOSO - Ninguém é perfeito, minha filha. Joãozinho, voce vai ver que negócio tenho prá voce. Olha aqui (mostra o bernal).

JOÃO (Olhando) - Hum, só vejo uns graos bobos aí.

TRAMPOSO - Grãos bobos? Feijão mágico, minha criança tola. Ou voce não conhece feijão mágico?

JOÃO - Bem, não se vê feijão lá em casa desde que a carestia fez o truque deles desaparecerem. É isso feijão mágico.

TRAMPOSO - Esse aqui é melhor: com ele, você faz a melhor feijoada do mundo. Põe ele na panela e o resto aparece quando cozinhar. Orelha de porco, costela, linguiça (se lambe), hum...

JOÃOZINHO (Curioso) - Feijoada completa só com grãos de feijão? Quantas porções dá?

VALQUÍRIA - João, isso é mentira!

TRAMPOSO (Tapando a boca da vaca) - Isso é verdade. Quanto menos feijão voce cozinha, maior e melhor a feijoada. Troco, adivinha pelo que ... por uma vaquinha parecida com esta. Aliás, troco até por esta.

JOÃO - E se a minha mãe não gostar?



TRAMPOSO - Estou aqui mesmo esperando. Destroco na hora. Decida! Aceite! Tope! Leve! Aprove!

JOÃO - Bom, só prá poupar a viagem até a cidade. Mas, se os feijões não ...

TRAMPOSO (Pegando a corda da vaca) - Que nada, qual o quê, ora já se viu, nem por isso, tudo bem, estamos aí, etcêtera. (Começa a se afastar, deixando o menino com o saco de feijão).

VALQUÍRIA - Me dá um abraço, João. Assim. Lembre de mim na hora do café, tá?

JOÃO - Claro, Valquíria, claro. Adeus!

TRAMPOSO - Tchau, menino, traga outras vacas. Vou abrir uma leitaria, uma queijaria, uma manteigaria, uma iogurteria, uma terneria, uma vacaria... (desaparece).

JOÃO (sozinho, voltando para casa) - Ah, feijoada completa.

3 - (Canção "Tema da Barriga Cheia")

(Cena chegando em casa)

D. MARIETA - Ah, meu filho, como voce foi depressa. Coitada da Valquíria, ela rendeu muito? Me dê o dinheiro.

JOÃO - Sabe mãe, eu fiz um negócio melhor. Vamos comer do bom no almoço e na janta todos os dias. Olha. (Mostra o saco).



6

D. MARIETA (Preocupada e examinando o conteúdo) - Que é isso, Joãozinho? Feijões? O que é que voce fez com a nossa Valquíria?

JOÃO (tremendo) - Mãe, mãe... eu... encontrei o Sr. Tramposo. Ele entende de vacas e de feijões, troquei, foi isso.

D. MARIETA - O quê? Trocou a Valquíria por meio quilo de feijão? Onde voce estava com a idéia, menino?

JOÃO - Mãe, é feijão mágico. Cozinhando ele eu-menta mais.

D. MARIETA - Sr. Tramposo... feijão mágico... Ah, meu filho. Como você foi inocente. Caiu num golpe. (Chora) (João abraça a mãe).

JOÃO - Me perdoa, mãe. Eu vou atrás dele. Ele es-tá esperando.

D. MARIETA - Ele mentiu, Joãozinho. Pelo menos vamos almoçar uma vez. (Começa a escolher o feijão, separando os grãos. Atira o gorgulho pela janela). E ainda tem esses grãos que não prestam.

(Escurece a cena)

(Dia seguinte, amanhece. Surge o Sol)

SOL - Ué, cadê a Valquíria? Primeira vez que ela falta a um encontro... Bem, vamos esquentar a vida.

(Interior da casa)



SEU FEIJÓ - Sei, sei, eu perdi meus irmãos naque-
la panela.

JOÃO (Surpreso) - Como?

SEU FEIJÓ - Sua mãe não botou fora uns grãos pela
janela? Eu nasci daqueles grãos!

JOÃO - Feijão mágico!

SEU FEIJÓ - Mágico, eu? Não. Um feijão superior,
apenas.

4 - (Canta a canção "Tema da Agricultura"). (João
canta junto e ensaiam uns passos)

JOÃO (Após a canção) - Seu Feijó, o Sr. precisa
conhecer minha mãe. Ela vai adorar você! (Para a casa)
Mãêêêêê!

D. MARIETA (Curiosa) - Que é menino, gritando es-
sa hora! (Vê o pé-de-feijão e desmaia nos braços do Fei-
jão). (Ela a abana com umas folhas).

SEU FEIJÓ - É, sua mãe não vê feijão bonito há
muito tempo.

JOÃO - Ela gosta de verduras, legumes e frutas
graúdas, mas o sr. foi demais prá ela. Mãe, mãe, ele é um
amigo.

D. MARIETA (se reanimando e recompondo) - Puxa
que susto, seu... seu...

SEU FEIJÓ (Em reverência) - Feijó, senhora... se-



nhora...

D. MARIETA - Dona Marieta... Marieta. O sr. é um belo pé-de-feijão, seu Feijão. Lembro os bons tempos e as boas safras gaúchas. Quando a gente era o celeiro do Brasil.

SEU FEIJÃO - Ainda não posso agradecer seu elogio com um punhado de pretinho, mas daqui a três ou quatro dias...

JOÃO - Mãe, posso trepar no seu Feijão?

D. MARIETA - Tá louco, menino? É perigoso.

SEU FEIJÃO - Não sou não, dona Marieta. Posso tomar conta de qualquer menino levado. Trepar em árvores, digo, em pé-de-feijão, é bom prá saúde de guris dessa idade.

JOÃO - Oba!

D. MARIETA - Logo a vinte metros do chão eu tenho uma galharia, um emaranhado seguro. Deixe ele vrinçar lá. Eu cuido dele.

JOÃO - Oba, oba!

D. MARIETA - Bom, se você promete se cuidar e não pisotear no seu Feijão, está bem. Ah, leve um lanche prá você. Aqui tem estes ovos prá chupar.

JOÃO - Oba, oba, oba! (Começa a subir)

D. MARIETA (Falando e saindo de cena) - Não suba



10

além do caramanchão, Joãozinho. Com licença, seu Feijó.

SEU FEIJÓ - Até logo, D. Marieta. Fique tranqui-
la.

JOÃO - Aqui vou eu. Arriba, Brasil!

SEU FEIJÓ - Devegarr, menino. Não passe da minha
cabeleira.

JOÃO - Ah, mas a vista é tão linda daqui. Como
não será de mais alto? Verei até o rio, o açude, as ove-
lhas do seu Santiago, as nuvens por dentro...

SEU FEIJÓ - Joãozinho! Joãozinho! Pare aí! Des-
ça daí, João! Ah, que menino! D. Marieta! Xi, ela foi
lá longe, arar a terra. E agora, Minha Nossa Senhora dos
feijões crescidos? Joãozinho, aí em cima é proibido, tem
uma grande ameaça aí. Por favor desça!

(FIM DA PRIMEIRA PARTE)



(Cena nas nuvens. Chegada ao castelo)

JOÃO - Puxa, o que eu subi... Que lugar será esse? (Ouve alguém cantando ao longe. Voz feminina). Música? Então tem anjo mesmo no céu?

(Desce do pé-de-feijão e caminha para uma porta imensa)

JOÃO - Quem será que mora aqui? Pequeno como eu não é... Vou bater. Não vou bater. Bato? Não bato? (Bate, com cuidado) (A porta se abre).

(João entra numa imensa sala. Objetos enormes pelo chão).

(Voz em off) - Ei, menino! Como é seu nome?

JOÃO (Assustadíssimo) - Heim? Quem tá me chamando?

(Voz em off) - Eu, aqui no escuro.

JOÃO - Venha prá cá. Quero ver você. É amigo?

MELODIA (aparecendo) - Amiga. (Toda educadíssima). Melodia.

JOÃO - Que instrumento gozado!

MELODIA (Ofendida) - Agora você tocou meus brios. Sou uma harpa. Instrumento é pouco para mim.

JOÃO - Desculpe. Não toco nada mas gostei da sua voz.



12

MELODIA (melosa) - Verdade? Que bom. Cantarei prá
você (inicia)

JOÃO (interrompendo) - Agora não. Me conte onde
estou, que que é isso aqui?

MELODIA - Ora, ora. Tão corajoso prá subir e tão
medroso prá descobrir. Criança tem que saber o que fazer
com suas atitudes. Colher-de-chá: é o castelo de Alturi-
no, meu amo.

JOÃO - Alturino, Amo?

MELODIA - Sim. Ele é meu dono. Como sou gente
fina, uso amo em vez de dono. Combina com meu porte (se
perfila), não acha?

JOÃO - Quem é Alturino?

MELODIA - Meu amo, já disse.

JOÃO - Você não entendeu: como é ele, o que faz
aqui?

MELODIA - Ah, uma resposta detalhada, não é? Da-
rei: Alturino é um gigante com três metros e oitenta, pe-
sa 504 quilos, tem olhos castanhos, cabelos ruivos, gosta
de comer e de música. Chega?

JOÃO - Gigante?!

MELODIA - Gigante.

JOÃO - Com licença, vou descer. Minha mãe me cha-
mou.



MELODIA (Agarrando João) - Calma, não vá assim.
Visitas aqui são tão raras. Fique.

JOÃO (Curioso) - Só um pouquinho.

(Passos, retumbantes)

JOÃO (Assustado) - Terremoto?

MELODIA - Não, é Alturino, que vem almoçar.

JOÃO - Deixa eu ir embora!

MELODIA - Não, vem prá cá comigo (Vão prum escon-
derijo, no escuro).

(Novamente o barulhão)

(Entre o gigante em cena)

ALTURINO - Ohhhh! Que apetite do tamanho de um
bonde... Não, bonde não tem mais. Apetite do tamanho de
um petroleiro...

(Senta e pega um imenso prato e uma imensa colher)

ALTURINO - Melodia! Melodia? Onde anda você? Que
ro sua música prá minha digestão!

MELODIA (Saindo do escuro) - Aqui, senhor. Posso
oferecer uma canção do meu repertório para seu prazer es-
tomacal?

ALTURINO - Vamos logo com isso. Você não está num
teatro.



MELODIA (Para o menino) - Fique aí. (começa a cantar)

5 - (Canção "Tema da Obrigação")

(Gigante pega no sono)

MELODIA (Para João) - Venha, venha. Ainda tem comida aqui para um batalhão.

(João se aproxima da mesa. Serve-se).

MELODIA - Vou cantar para você. Sua sensibilidade é igual a dele.

6 - (Canção "Tema da Liberdade")

JOÃO (Após a canção) - Muito bonita. Minha mãe ia gostar.

MELODIA (Emocionada) - Grata. Sua mãe estuda música?

JOÃO - Não. Ninguém estuda nada lá em casa. A escola de graça é longe e a escola perto é cara.

MELODIA - Tenho muito cultura. Posso ensinar você.

JOÃO - Que bom. Posso levar você a cidade e inscrever num festival da canção que ouvi falar.

MELODIA - Termine de comer e vamos, então.

JOÃO - Que comida ruim essa. Só verdura, verdura.



MELODIA - É uma boa dieta. Somos vegetarianos aqui.

JOÃO - Não tem carne?

MELODIA - Carne?

JOÃO - É. De vaca, peixe, galinha...

MELODIA - Ah, galinha tem.

JOÃO - Onde?

MELODIA - Lá, junto do Alturino. É o tesouro de le. Muito valiosa, ele diz.

JOÃO - Uma galinha assada, ensopada ou em farofa é um tesouro mesmo...

MELODIA - Não, essa não dá prá comer. Ela é de ouro. Põe ovos de ouro.

JOÃO - Ouro? Ouro mesmo?

MELODIA - Claro. Você vai ver. Olha, Alturino já vai despertar. Preste atenção lá do seu cantinho.

ALTURINO (Acordando da sesta) - Ah, que sono bom. Suas canções me adormecem ligeiro. Parabéns. (Melodia faz cara de quem não gosta do "elogio") Riquinha! Riquinha, vem cá!

RIQUINHA (Surgindo) - Chamou, mestre?

MELODIA (Para João) - A oferecida...



ALTURINO - Venha cá, tesouro ... Dá um presentinho dos seus prá mim.

RIQUINHA (se ajeitando toda prá postura) - Oh, sim, oh, claro!

ALTURINO - Menina boa, menina dedicada.

MELODIA (para João) - Menina puxa-saco...

RIQUINHA (completando seu ato) - Pronto, mestre. Aqui está. 18 quilates. Todo seu.

ALTURINO - Ah, que beleza. Dourado na casca, dourado por dentro. Ouro inteiro. Você vai me enriquecer, me nina.

MELODIA - Ele só pensa no ouro, minhas canções não têm valor prá ele...

ALTURINO (Mexendo no prato) - Cadê a minha comida daqui? Quem comeu minha comida?

MELODIA - Eu não fui. Esbelta como sou, como só de manhã.

RIQUINHA - Eu detesto verdura. Estraga meu ouro. Só comi milhinho douradinho.

ALTURINO (Brabo) - Quero saber quem devorou meu almoço. Quem?

JOÃO (Saindo do esconderijo) - Ahn, fui eu, senhor. Desculpe.



ALTURINO - Eu quem?

MELODIA - Um amigo meu, meu amo. Joãozinho.

ALTURINO - Joãozinho? Como se atreve a vir aqui, entrar aqui, comer da minha comida? Venha aqui, você vai me pagar!

JOÃO - Perdão, senhor. Não fiz por querer.

ALTURINO - Por querer ou não me deixou com fome. O que é que eu vou comer agora?

JOÃO (Metendo a mão no saco) - Isso senhor, ovos.

ALTURINO - Ovos? Ovos não dão prá comer. Enriquecem mas me quebram os dentes. Ouro não é digestivo.

JOÃO - Não, senhor. Ovos comuns, comestíveis.

RIQUINHA - Ovos comestíveis? Ah, ah, ah, ah..

ALTURINO - Cale a boca! Deixe eu ver isso, menino. (Pega os ovos. Examina).

JOÃO - São ótimos, senhor. Dão gemada, fritada, omelete, merengue, cozido é bom, minha mãe sabe mil receitas...

ALTURINO - Não me engane!

RIQUINHA - Não engane ele!

MELODIA - Joãozinho é um bom menino. Não mentiria. Dê a chance dele provar o que está dizendo.



ALTURINO - Não dou não! Vou prendê-lo por invasão de domicílio. (Ameaça pegar João. João se esquivava).

MELODIA - Deixe-o em paz!

ALTURINO - Não!

MELODIA - Então vou cantar: (começa)

ALTURINO (Aborrecido) - Pare, pare. Está bem. Como é isso de comer ovo?

JOÃO (Animado) - Me dá a frigideira. Vou fazer uma omelete.

RIQUINHA - Essa eu quero ver.

MELODIA - Vou cantar prá dar sorte...

ALTURINO - Não ! (Para o menino) A cozinha é ali, vá. Não demore que o meu apetite está monstruoso.

(João sai)

RIQUINHA - Enquanto isso, mestre, não quer outro ovinho douradinho?

ALTURINO - Boa idéia menina. (Pega a cesta de ovos dourados e canta a canção "Tema da Ganância"). (Melodia cruza os braços e não canta com eles).

(Após a canção, João retorna com um prato feito)

JOÃO - Aqui está, senhor.

ALTURINO - Vamos ver, vamos ver



RIQUINHA (Espiondo) - Hum, é amarelo como ouro. As
sim até eu. Quero ver é engolir.

MELODIA - Você é uma chata. Espere antes de cri-
ticar!

ALTURINO - Silêncio! Quero comer em silêncio!

(Todos quietos enquanto Alturino come. Suspense
danado) (Alturino termina, bate na pança).

JOÃO - Gostou?

MELODIA - Estava bom?

RIQUINHA - Vai vomitar? (Os dois olham feio prã
ela).

ALTURINO - Ohhhhhh, estava delicioso, simplesmen-
te delicioso. Da onde você tirou, menino?

JOÃO - Dê uma galinha nossa. Temos três. São a
única esperança da minha mãe prã gente se alimentar.

ALTURINO - Galinhas que põem ovos comuns? Todos
os dias?

JOÃO - Sim, um por dia.

RIQUINHA - Eu ponho até dois.

MELODIA - E eu canto até três canções por dia.

ALTURINO - Calem a boca! Onde estão estas gali-
nhas que eu nunca vi, não conheço e não acredito?



JOÃO - Na minha casa, lá embaixo.

ALTURINO - Lá em baixo? Ah, ah, ah,. Ninguém desce lá embaixo. Ninguém sobe lá de baixo. Fale a verdade, menino ou apanha!

MELODIA - É verdade. Acredite nele.

RIQUINHA - É mentira. Desacredite dele.

JOÃO - Não, tenho mais ovos aqui, vê?

ALTURINO - Dá prá mim, então.

JOÃO - Não. São o meu almoço, minha janta, meu lanche. Eu preciso das vitaminas, proteínas e sais minerais que eles têm. Assim posso crescer.

ALTURINO - Crescer? Eu cresci sem estes ovos. Mas são gostosos. Me dá eles ou apanha!

MELODIA - Covarde! Bater numa criança!

RIQUINHA - Esquece os ovos dele, mestre. Lembre dos meus.

JOÃO - Proponho um negócio.

ALTURINO (Interessado) - Negócio? Que negócio você tem coragem de oferecer-me, pirralho?

JOÃO - Troco todo este saco de ovos pela sua galinha de ovos de ouro.

RIQUINHA - Nãoooooo!

ALTURINO - Você está louco?



21

JOÃO - Não. Vamos fazer um jogo. Quem mostrar mais inteligência fica com a vitória. Se eu perder dou estes ovos e não levo nada. Se eu ganhar, dou os ovos e levo a galinha. De qualquer jeito voce ganha os ovos que eu troxe. Quer apostar? Três testes.

ALTURINO (interessado) - E que jogo será esse, cozinha?

JOÃO - Você verá. Melodia, consegue duas cartas e baralho e uma tesoura. E também um copo e duas colherinhas.

(Melodia sai para buscar)

ALTURINO - Cuidado, menino. Não tente me iludir.

JOÃO - Não. Você é maior do que eu, se acha mais capaz por causa do tamanho. Vamos ver se é. (Melodia volta).

JOÃO (Arrumando a mesa) - Primeiro teste: duas cartas de baralho. Abra um buraco na carta e passe por dentro. Eu passarei.

RIQUINHA - Passe, mestre, passe.

ALTURINO - Não choque a paciência, Riquinha. (Apanha a tesoura, faz o buraco e não consegue passar). Droga! Nem você pode conseguir isso.

(João apanha a tesoura, prepara a carta. Larga a tesoura, e vai passar).

ALTURINO - Isso é impossível!



22

MELODIA - Boa sorte, Joãozinho!

(João passa por dentro da carta)

MELODIA - Viva, eu sabia, eu sabia! (Beija-o)

JOÃO - Um a zero.

ALTURINO - Aqui você não ganha nada. Qual é o segundo teste?

JOÃO - Vê este copo aqui? Arrume as colherinhas de tal jeito que batendo numa a outra vá para dentro do copo.

(Alturino tenta algum tempo e esbraveja, desistindo).

ALTURINO - É impossível!

RIQUINHA - É impossível!

MELODIA - É possível!

(João prepara as colherinhas. Suspende. Bate e elas entram).

ALTURINO - Não! Como é que eu não pensei nisso?

RIQUINHA - Como é que o mestre não pensou nisso?

MELODIA - Parabéns, Joãozinho.

JOÃO - E agora, a terceira parte. Você sabe adivinhações?

ALTURINO - Sei todas!



RIQUINHA - Ele sabe todas!

JOÃO (Com medo do teste que bolou) - Então cada um fará três adivinhações ao outro. Uma por vez. Quem acertar mais e errar menos ganha. Topa?

ALTURINO - Se esta prova valer os mesmos pontos das outras que eu perdi, topo. Se eu ganhar, ganho os ovos.

JOÃO (pensando) - Está bem...

MELODIA - Mas é desvantagem, Joãozinho.

RIQUINHA - Não é, não!

ALTURINO - Eu começo. (1)

JOÃO - (Respostas)

MELODIA - Viva!

JOÃO - Agora a minha (1A)

ALTURINO - (acerta)

RIQUINHA - Viva! Viva!

ALTURINO (2)

JOÃO (Acerta também)

MELODIA (Abraçando) - Viva!

JOÃO (2A)

ALTURINO - (Acerta)



RIQUINHA - Viva! Viva! (Bate asas)

ALTURINO (3)

JOÃO (Acerta)

MELODIA - Viva!

JOÃO (3)

ALTURINO (pensa, pensa, se aflige, envermelha, etc)

- Não sei.

MELODIA - Oh!

RIQUINHA - Ai!

JOÃO - Oba!

ALTURINO - Me dá os ovos! (Alturino vai prá dentro) (Sem se despedir de Riquinha, que fica toda puxa-saca agora do Joãozinho)

RIQUINHA - Que bom que você me ganhou. Eu já estava até aqui desse Castelo.

MELODIA - Fingida. Cínica.

RIQUINHA - Sou apenas uma galinha. Não exija virtudes nem ponha defeitos humanos em mim.

MELODIA - Desculpe. Sabe que você é até encantadora?

RIQUINHA - Você também. Aliás, sua voz me emociona muito.



(Trocam abraçinhos mis)

Porque você não vem conosco? Ele detesta sua voz.

MELODIA - Bem pensado. Vamos nessa!

JOÃO - Vamos embora daqui logo. Vou na frente prá mostrar o caminho. (Começam a descer)

8 - (Canta a canção "Tema de Vitória")

(Estão ainda no caminha quando começa o barulhão. O gigante - que não aparece - está atrás deles)

JOÃO - que é isso?

MELODIA - É Alturino! Ele se arrependeu do negócio. Vamos correr!

RIQUINHA (Volúvel) - E agora? O mestre ou esse menino esperto? Oh, meu Deus, que dom foi me dar...

JOÃO - Por aqui, depressa!

(FIM DA SEGUNDA PARTE)



(Cena ao rês do chão. Perto da casa) (Mal desceram)

SEU FEIJÓ - Hoje o trânsito por aqui está infernal.

JOÃO - Depressa, depressa vamos prá casa. Mãêêêê!

MELODIA - Devegarr, não posso me desafinar...

RIQUINHA - Um ninho, um ninho, pelo amor de Deus!

SEU FEIJÓ - Todos loucos...

(Entram na casa)

(Aparece o Gigante)

SEU FEIJÓ - Ai, ai, que excesso de carga... Precisando de um regime, meu amigo. Coma ovos.

ALTURINO - Ovos? É isso que eu quero mais! Ovos, ovos!

(Aparece João e a mãe, com um machado)

JOÃO - Vamos cortar o pé-de-feijão, mãe!

SEU FEIJÓ - Não! Eu morro!

ALTURINO - Não! Eu caio!

JOÃO e MÃE - E agora?

MÃE (Para o Gigante) - Se eu não cortar, o que é que você vai fazer?

ALTURINO - Senhora, eu só vim apanhar mais uns o-



vos que aqueles já comi todos. Depois vou embora. Olha, trouxe até uns ovos de ouro prá trocar. De nada me servem.

MÃE - Ah, então desça daí. Eu farei uma receita nova prá você. Joãozinho nem sabe fazer ovos...

SEU FEIJÃO - É, desça, desça, ahhhh...

JOÃO - Por aqui, seu gigante.

(Entram na casa) (Aparecem a galinha Riquinha e a galinha Branquinha)

RIQUINHA - Pois eu, comadre, sou de família rica. Vivi sempre cheia de jóias, tentação para ourives, mas cansei dessa vida milionária.

BRANQUINHA - Você é que é feliz. Eu, sempre ciscando, ciscando, uma minhoquinha ali, um grãozinho aqui. Quem me dera um castelo como o seu.

RIQUINHA - Não, a senhora é feliz, sim. Pertinho do chão, tem um bom galinheiro. Sem falar na maternidade.

BRANQUINHA - A senhora nunca teve pintinhos?

RIQUINHA - De que jeito, comadre?

BRANQUINHA - Desculpe. Olha estou chocando uma ninhada enorme. Quem sabe você me ajuda a chocar uma meia dúzia e eles ficam como seus?

RIQUINHA (emocionadíssima) - Oh, eu adoraria. Muito obrigada, comadre Branquinha. Realizei meu sonho.



28

BRANQUINHA - Você também me ajudou. Com seu ouro, a mãe de Joãozinho pode comprar outros alimentos e deixa meus ovos e família em paz... (Se abraçam) (Saem de cena)

(Aparece o Gigante)

ALTURINO - Seu Feijó, vou ter que botar meu peso nos seus ombros de novo. Com licença.

SEU FEIJÓ - Já vai, seu Alturino?

ALTURINO - E bem empanturrado, seu Feijó. Comi como um boi.

SEU FEIJÓ - Comeu mesmo...

(Aparece a mãe de Joãozinho)

D. MARIETA - Seu Alturino, eu tive uma idéia: não quer levar a Branquinha com você? Assim não precisa mais descer e todos seremos felizes.

BRANQUINHA (Surgindo) (Com malas) - Espere, seu Alturino, espere! Você vai adorar minha gema dourada!

ALTURINO - Por favor, não me fale mais em dourado!

BRANQUINHA - Desculpe, vamos indo, vamos indo. É a primeira viagem da minha vida.

(Sobem e desaparecem da história)

SEU FEIJÓ - Pronto, dona Marieta. Escapamos todos. Escapei do machado, seu Alturino escapou da dieta, Riquinha escapou da ambição, Melodia escapou da crítica destrui-



tiva e seu menino escapou de uma surra.

D. MARIETA - E eu escapei da pobreza e da infelicidade. Agora tenho música, filho alimentado e um tesouro prá engordar mais o leão do imposto de renda.

SEU FEIJÓ - E eu tenho uma novidade. Está vendo aqui nas minhas folhagens? Feijões! Feijões, dona Marieta. Sirva-se!

(Melodia e Riquinha aparecem)

MELODIA - Que é, Dona Marieta?

D. MARIETA - Feijões, feijões graúdos. Que almoço vou fazer!

RIQUINHA - Viva!

SEU FEIJÓ - Cadê o Joãozinho, Dona Marieta? Quero brincar com ele. Sei que aprendeu a lição e não vai se arriscar mais nas alturas.

D. MARIETA - Uê, ele sumiu? João! Joãozinho!

TODAS (Aflitas) - Joãozinho!

(Voz do João), em off) - Aqui, mãe, aqui, olha!

(Um mugido)

D. MARIETA - Valquíria!

VALQUÍRIA - Dona Marieta! (Abraços)



(Apresentações)

JOÃO - Peguei um ovo de ouro e procurei o Sr. Tram-
poso. Ele aceitou a troca. Tava enjoado do leite da Val-
quíria. Nem sabe o que é bom.

(Neste clima de felicidade geral, cantam a canção
"Tema de Nossos Bens".

SOL (Por cima de todo o som) - Foi um belo dia.

(FIM)



GIGANTE

(GANÇÃO DA SANCIÁ))

Eu sou grande

Eu sou uma quadrilha

E perigoso

Eu sou uma quadrilha

Eu vou longe

Depois do fim da trilha

Sou teimoso sou filho

sou filho de zorrilha

Eu não, paro

Nem quando acaba a pilha

Sou dengoso

sou cor de maravilha

E essa filha

Quem é a sua filha

Ela é minha é uma galinha

Cada dia que passa

Fico rico de graça

sabe, eu tenho uma máquina

Que é uma fábrica, sob medida

Uma galinha linda

Pré dourar a minha vida

Sabe eu tenho uma fábula

Tenho uma conta, na clara do Ovo

Fico rico de nove

Viva o ouro do ovo

CANÇÃO DOS NOSSOS BENS

O coração
vale ouro
E a cabeça é de prata
Nós somos
nosso tesouro
Sem perigo
Sem pirata.

Um amigo, mil amigos
Uma idéia, mil idéias
Quanta coisa posso ter
Uma flor, milhões de flores
Um dia, milhões de dias
Quanta coisa posso ter

Um gato, trilhões de gatos
Um sonho, trilhões de sonhos
Não há limite prá ter
Um rio, zilhões de rios
Um amor, zilhões de amores
Não há limite prá ter.

CANÇÃO DA VITÓRIA

Perder ou ganhar
O que importa é o jogo
A bola rolando macia
passando de pé em pé
a grama acericia.

Perder ou ganhar
O que importa é o jogo
nos riscos da amarelinha
entre pulos, equilíbrio
as vezes se pisa na linha

Não precisa ir para o alto
Galgar os degraus da fama
É melhor estar ao lado
das coisas que a gente ama

Perder ou ganhar,
como num jogo de bola
como num jogo de roda
roda, roda, roda vida
o importante é jogar.

TEMA DA OBRIGAÇÃO

Vou andando numa rua
Sem coragem de passar
É uma rua tão escura
Onde nem chega o luar
No caminho vou tão só
Como um passarinho
Como o pó

Quando eu ando nessa rua
Com saudade de cantar
É que brota no meu peito
Um silêncio sem parar
No caminho eu tenho só
O vento prá me espantar

Vou andando nessa rua
Com vontade de contar
Digo um verso bem bonito
Mas ninguém vem me escutar
No caminho eu fico só
Com vontade de chorar

TEMA DE VALQUIRIA

Eu sou uma vaca,
para o dia a dia.
Eu sou uma vaca
Que se enche
Mas depois se esvazia

Quem tem uma vaca
Não troca por cabra
Quem tem uma vaca
Não troca por couve.
Não troca por nabo

Mas eu fico braba
Com a vida de vaca
Deixei a manteiga
Botei todo o leite
Jorrei iogurte
É um queijo suíço
Que nem um xucrute

E por cima disso
Que nem um mamute
Puxei um arado,
Dois fardos de milho
Mais sete carretas
For uma estrada
Cheia de valeta
Por dentro do sítio
Da dona Marieta.

TEMA DOS AMIGOS

No mundo, basta um amigo
No mundo, basta um companheiro de fé !
Por mim / pode ser um artista
Pode ser um marujo ou um bombeiro

Para ser meu amigo do peito
Tem que ter o direito de ser o que é !
Por mim pode ser um flautista
Pode ser caramujo ou ser barbeiro
(Côro)

Para mim
Seja leal, seja sincero
E viva em paz

Para mim
É natural
Gosto de gente tri legal

No mundo, basta um amigo
No mundo, basta um companheiro de fé !
Mas eu quero ver
Um caminhão de amigos
Cantando e batendo o pé

TEMA DA BARRIGA CHEIA

Violino

Eu não sei

Se eu sonhei

Eu não sei

Se eu vi ou não

Mas eu acho

Que isto é um quilo de feijão

Ou sonhei que tinha então

Contrabando no porão

Do navio que carregava macarrão

Tinha goibada

Tinha camarão

Tinha rapadura e costeleta de leitão

Ai, eu sonho de montão

Com chiclete de mamão

Com sorvete colorete

De baunilha ou de limão

(Côro)

Eu sonhei que fui morar

Numa casa pequeninha

Que era dentro de uma lata de sardinha

Tinha tudo na casinha

Tinha rei, tinha rainha

E eu comi tudo que tinha na cozinha

Viva o sal de fruta

Viva a digestão

Hoje eu ficaria

do tamanho de um balão

Ai, Ai, vira tripa toda

Ai, Ai, vira o coração

Oi, Oi, hoje eu ficaria

Que nem bolha de sabão

TEMA DA AGRICULTURA

Lavoura ali

Lavoura lá

Mas não tem um prá lavourar

Cavoca aqui

Cavoca lá

Mas não tem um prá cavoucar

Quanta terra, mas quante chão

E eu não vejo mais um peão

Acho que agora a gente vai, vai

Vai comer soja no Japão.

Lavoura ali

Lavoura lá

Mas tem trator na contra mão

Cavoca aqui

Cavoca lá

Eu já conheço esta canção